**NEGRITUDE COMO FOCO PARA INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E TERAPÊUTICAS**

Manoel Nogueira Maia Neto[[1]](#footnote-1)

Susana Kramer de Mesquita Oliveira[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este texto parte da experiência do projeto L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”, associado ao Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI), do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). No semestre 2017.1, o projeto guiou-se pela temática “Negritude e Protagonismo Negro”, promovendo atividades, como: rodas de conversa, cinedebates e oficinas na universidade. O planejamento das ações seguiu a Matriz de Identidade, conceito-chave do Psicodrama de Moreno, que discute o processo relacional de construção da identidade através do reconhecimento de si próprio como protagonista, do outro também como protagonista e da interação de complementaridade entre estes – condição essencial para a saúde do sujeito. As intervenções artísticas permitiram registro das falas espontâneas dos participantes, observando-se a recorrência dos seguintes conjuntos temáticos: “infância, racismo e reconhecimento da negritude”, “universidade, pertencimento e empoderamento” e “afetividade e solidão da pessoa negra”. Baseando nisso, foram propiciados momentos para a realização de atos psicodramáticos à população negra da UFC, em 2017.2, por meio da intervenção psicodramática de aquecimento (pré-dramatização), dramatização (produção de contato com consigo para criativamente elaborar novas atitudes) e compartilhamento grupal. Nesse trabalho, objetiva-se apresentar o modelo do Psicodrama utilizado no planejamento e execução das ações e discutir a experiência dos participantes, relacionando os elementos teóricos e vivenciais para a compreensão da saúde mental da população negra. O alcance do projeto pode ser percebido em todas as fases do projeto a partir dos ricos depoimentos apresentados, e em especial nos atos psicodramáticos, quando os protagonistas puderam (re)configurar suas percepções acerca de suas experiências e relações.

**Palavras-chaves:** Psicodrama. Negritude. Relações Interpessoais. Identidade.

**INTRODUÇÃO: CONTEXTO, TEMA E MÉTODO**

Nesse trabalho, objetiva-se, inicialmente, apresentar o modelo utilizado no planejamento e execução das ações do projeto L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”, um dos projetos do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) – vinculado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará –, cujo eixo temático é “Vínculo e Saúde Mental”, desenvolvendo suas atividades e intervenções pelo viés da abordagem Psicodramática. Além disso, pretende-se discutir a experiência dos participantes, relacionando os elementos teóricos e vivenciais que subsidiaram as ações de intervenção à compreensão da saúde mental dos participantes.

Para o semestre 2017.1, o foco escolhido pelo projeto, “Negritude e Protagonismo Negro”, justificou-se pela importância de reconhecer a negritude e proporcionar relações étnico-raciais de qualidade, no contexto da diversidade de protagonistas que atuam no espaço acadêmico – tema de atuação imprescindível para a Psicologia, onde o referido laboratório se estabeleceu.

Jacob Levy Moreno (1983; 1994), fundador do Psicodrama, elaborou um rico arcabouço conceitual e técnico, com o objetivo de compreender, avaliar e tratar as relações interpessoais e grupais (FONSECA FILHO, 2000). Para tanto, o autor considera a importância de dois fatores principais: a espontaneidade e a criatividade. Espontaneidade diz respeito à capacidade de agir a partir de escolhas pessoais, autênticas, orientadas pela vivencia inédita que o sujeito experimenta a cada momento; criatividade refere-se à capacidade de reconfigurar os elementos já estabelecidos (que Moreno chama de conservas culturais), abrindo espaço às expressões e ações espontâneas. A espontaneidade-criatividade atuará dentro das relações interpessoais propiciando um intercâmbio autêntico, singular, recíproco e co-criativo, que contemple as buscas e os projetos de vida dos protagonistas envolvidos. Moreno desenvolveu um modelo de intervenção que favorece a liberação da espontaneidade, a promoção da co-criatividade e o desenvolvimento de um intercâmbio recíproco (FOX, 2002). Para tanto, o autor segue a proposição de Martin Buber (1995), em que duas possibilidades de intercâmbio são previstas – a relação experimental e utilitária “Eu-Isso” e a relação vivencial e recíproca “Eu-Tu” –, propondo fases de desenvolvimento da reciprocidade, das quais destacam-se: o reconhecimento do eu, o reconhecimento do tu, a inversão de papéis, a circularidade afetiva.

Para o tema da “Negritude e Protagonismo Negro”, foi proposto que as categorias “identidade”, “pertencimento” e “relações” fundamentassem a estrutura teórica do projeto, baseando-se diretamente na teoria da Matriz de Identidade, formulada por Moreno (1983), a qual considera que, no processo de desenvolvimento da identidade é essencial a valorização e o reconhecimento tanto de si próprio, como de seus complementares, bem como o desenvolvimento da reciprocidade entre os interactuantes, compromissados com o diálogo. Nesse sentido, são processos interligados: a formação da identidade, a condição dos vínculos estabelecidos e a saúde mental do sujeito. Segundo Malaquias, Nonoya, Cesarino & Nery*​* (2016), o racismo é um fator empobrecedor dos vínculos interpessoais, o que demanda o desenvolvimento de ações de cuidado nesse campo, compreendido também como cuidado à saúde mental dos sujeitos envolvidos nas relações em jogo. Não obstante o aumento da presença da população negra nos diversos cursos da universidade, a protagonização do negro e os cuidados às suas relações não têm tido uma expressão significativa nas ações extensionistas da universidade. O projeto L’ABRI no Bosque objetivou dar relevo ao protagonismo da pessoa negra e promover as relações interpessoais e interraciais que a envolvem, promovendo, assim, a saúde mental dos participantes – tema recomendado pelo Conselho Federal de Psicologia (2013).

Assim, o planejamento e a organização das ações do projeto seguiram as fases propostas pela Matriz de Identidade, bem como as orientações de Moreno (metodologia psicodramática) para a intervenção propriamente dita. O autor indica que toda a ação deve iniciar com atividades de aquecimento, que visam à preparação dos participantes para um envolvimento ativo e espontâneo; segue-se a dramatização, em que são promovidas produções verbais, textuais ou cênicas, as quais favorecerão a criatividade na apresentação de situações e atitudes relacionadas aos protagonistas, bem como na transformação dessas; por fim, um compartilhamento da vivência é promovido com todo o grupo. Todos as intervenções do projeto foram realizadas em grupo, seguindo as etapas indicadas; Moreno também indica papeis específicos para todos os participantes, a saber, diretor, protagonista ou ego auxiliar. O diretor é a pessoa que conduz o processo, função assumida nas ações do projeto pela coordenadora ou pelo bolsista do projeto, ou ainda por psicodramatistas convidados. Os protagonistas são as pessoas que irão ter a primazia da palavra, narrando suas histórias e apresentando seus pontos de vista, papel esse atribuído aos participantes negros das ações realizadas. Os egos auxiliares são os que contracenam com os protagonistas, sendo exercido pelas pessoas que espontaneamente tomam esse lugar complementar no grupo, ou por pessoas convidadas especialmente para essa função nas atividades realizadas no projeto.

Todas as atividades foram registradas em diários de campo pelo bolsista do projeto, ou ainda por outros alunos que participaram como egos auxiliares em algumas atividades específicas.

**RELATO DAS EXPERIÊNCIAS**

Todas as atividades foram trabalhadas em grupos, sob o viés psicodramático, com foco tanto nos aspectos individuais quanto grupal/social, visando à investigação e a recriação de conflitos, a partir do embasamento teórico de Jacob Levy Moreno. Focou-se em categorias relacionadas à identidade, aos vínculos interpessoais e à saúde mental da pessoa negra, compreendidas a partir de conceitos psicodramáticos (FONSECA FILHO, 1980; MALAQUIAS *et al*, 2016).

As atividades foram estruturadas em três momentos baseados na Matriz de Identidade: 1) “Eu-Negro” ou “Tornando-me Negro”; 2) “Nós-Negros”; 3) “Cultura Negra”. Na fase de reconhecimento do “Eu-Negro” (ou “Tornando-me Negro”), as ações se voltaram para as experiências e vivências de cada protagonista quanto à sua negritude. O objetivo da fase do “Nós-Negros” foi a promoção do “sentimento de comunidade” a partir de questões sócio-político-experienciais pertinentes ao coletivo negro, a saber, a luta antirracista e a necessidade de “enegrecer” as pautas dos movimentos sociais. Na fase da “Cultura Negra”, foram promovidos questionamentos em relação às diversas manifestações culturais, como a contação de histórias e a dança.

As atividades ocorreram em diversos espaços da UFC, como o Bosque Moreira Campos (CH I), o Auditório José Albano (CH I), o Auditório Rachel de Queiroz (CH II) e o Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno (TU). Listas de frequência foram assinadas pelos participantes ao final das atividades promovidas, percebendo-se um total de cerca de 130 protagonistas e 20 colaboradores (com função de diretores, egos auxiliares, ou facilitadores).

O primeiro momento, o “Eu-Negro” ou “Tornando-me Negro”, trouxe o compartilhamento das experiências de descobrimento da negritude e empoderamento negro tanto das facilitadoras quanto dos(as) protagonistas, a partir do documentário “Ah, branco! Dá um tempo”, que propõe trazer o cotidiano do racismo entre estudantes pretos e pretas, na Universidade de Brasília. O cinedebate proporcionou a discussão sobre os casos de racismo na infância, a ausência de representatividade negra legítima nas mídias de massa, o empoderamento na universidade, a estética negra e relatos próprios e de pessoas próximas sobre a desproporcionalidade de poder dos professores no ambiente acadêmico.

As atividades do segundo momento foram: as rodas de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: a pessoa branca na luta antirracista?” e “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?” e o cinedebate “Negro lá, Negro cá”. Tais atividades proporcionaram questionamentos raciais-identitários, sócio-políticos e emocionais acerca da negritude e suas vicissitudes, promovendo o sentimento de compartilhamento enquanto comunidade. Na primeira roda de conversa, sobre a luta antirracista, os principais conteúdos que surgiram foram, novamente, a infância e o racismo (no contexto escolar), as relações inter-raciais (sendo pontuada a negligência da pessoa branca em perceber seus privilégios sócio históricos e combater o racismo) e a importância dos coletivos negros para o seu empoderamento identitário.

Na roda de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?”, as facilitadoras e as(os) participantes pautaram, em especial, os assuntos relacionados à animalização-objetificação do corpo feminino, à importância de pensar a interseccionalidade do sujeito (LGBT, negro, feminino), à representatividade “branca” da beleza pela mídia e a influência disso na infância, à estética preta como ferramenta de empoderamento e à afetividade da pessoa negra, que está diretamente relacionada ao longo processo histórico de “bestialização” do negro. No cinedebate “Negro lá, Negro cá”, os facilitadores (o diretor e um entrevistado do documentário) e os estudantes africanos estrangeiros, ratificaram as questões sobre o “racismo cordial” brasileiro (piadas e máximas cotidianas, por exemplo), a estereotipia dos acadêmicos africanos (extremamente pobres, “maconheiros”, “com ebola”) e o machismo do qual as mulheres ainda são constantemente vítimas.

No terceiro momento, relacionado à “Cultura Negra”, foram apresentadas e discutidas as manifestações artísticas negras, afro e afro-brasileiras. A primeira ação foi a oficina “Brincando com Africanidades”, que pautou a infância e o brincar por meio de dinâmicas, como a imitação e a revisitação do jogo infantil “Escravos de Jó” sob a nova temática de “Guerreiras e guerreiros de Nagô”, sendo esta finalizada com a contação de uma história dos orixás Ibeji e a criação grupal de uma cena baseada em orixás. A segunda oficina foi a de “Bonecas Abayomi”, que, de acordo com o facilitador, foram bonecas criadas pelas negras escravizadas, com pedaços de pano em nós, para seus filhos nos navios negreiros, sendo esta arte uma demonstração de resistência.

Por último, ocorreu o dia de apresentações artísticas chamada “ArteAfrocentrada”, sendo, primeiramente, realizada a apresentação “Adjokè e as palavras que atravessaram o mar”, mostrando, por meio de vivências, as influências vocabular, culinária e musical africanas na cultura brasileira. Depois ocorreu a encenação do solo “O Último Voo da Andorinha”, no qual este representa a passagem e a dialética morte-vida do/no corpo ancestral preto.

**ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Todas as atividades foram gratuitas e realizadas entre os meses de maio e junho de 2017, alcançando um público diversificado de acadêmicos (docentes e discentes) e/ou membros de movimentos sociais. Todos os participantes – inclusive os facilitadores – receberam declarações por suas participações, sem retorno financeiro. A análise dos dados ocorreu por meio da discussão de diários de campo e relatórios em reuniões entre o bolsista e a professora coordenadora, destacando-se três conjuntos temáticos recorrentes nas falas dos participantes e facilitadores, a saber: “infância, racismo e reconhecimento da negritude”, “universidade, pertencimento e empoderamento” e “afetividade e solidão da pessoa negra”.

Nas diversas ações, com frequência e de forma direta ou indireta, percebeu-se o racismo, nas discussões promovidas sobre as experiências na infância – nem sempre percebido e nomeado como “racismo” (SCHUCMAN, 2010) –, e a sua influência no processo de construção da identidade dos sujeitos negros, sendo, além de construtor valorativo identitário, um fator importante para compreender processos de adoecimento dessas pessoas. No processo histórico, que é atravessado pelo longo e cruel período de escravidão brasileira, os estereótipos acerca do negro (“fedorento”, “forte”, “animal”, “preguiçoso”) e de sua cultura (“demoníaca”, “exótica”, “distante”) atualizam-se nos preconceitos contemporâneos.

Malaquias *et al* (2016) afirmam que o racismo é talvez a conserva cultural mais antiga e cruel que existe em se tratando de conservas relacionais, pois empobrece os vínculos humanos, segrega as pessoas umas das outras e, o que é pior, delas mesmas. Apesar do benefício no sentido de aprendizagem dos padrões culturais, a conserva cultural se coloca como empecilho quando se cristaliza, determinando padrões comportamentais, valores e formas de agir socialmente que podem automatizar o homem. O racismo se coloca, assim, como um fator de risco para a saúde mental da população negra (CFP, 2013).

Na (des)linearidade histórica, a hierarquia de certos grupos (brancos) sobre outros (afro e indígenas) é uma herança perpassada, sendo internalizada como papéis privilegiados e merecedores e como papéis desvalorizados e desmerecedores, respectivamente. Essa condição atravessa a afetividade da pessoa negra, que pode ser exemplificada nas constantes objetificações do corpo negro pela mídia e redes sociais, como o mito do preto “hiperdotado” (homem negro com pênis gigante) e da “mulata exportação” (mulher negra clara com traços finos). Esses discursos, com extrema apelação sexual, se concretizam nas relações interpessoais, nas quais as pessoas negras são postas à distância dos contatos considerados “românticos”.

Como instrumento de protagonismo e “revolução”, Malaquias *et al* (2016) pontuam que

O Psicodrama inspira a luta contra os fantasmas e o rompimento das algemas da repetição socioemocional, convocando todos ao processo de criação de uma nova era. Incita a nós, homens e mulheres de nosso tempo, ao protagonismo de nossa história, profetizada em sua Revolução Criadora (p. 94).

O outro conjunto temático correspondeu ao ambiente acadêmico. Relatado ambiguamente, a universidade é um lugar que remete ao sentimento de não-lugar e às relações adoecedoras com professores, que ainda exercem um poder simbólico desproporcional, assim como à possibilidade de empoderamento, principalmente quando as pessoas negras encontram algum grupo ou coletivo que permita compartilhamento de experiências entre os membros, associados tanto à qualidade político-social desses agrupamentos, como à característica identitária desses movimentos.

Em relação à possibilidade de se repensar as modelagens das conversas culturais atuais, o conceito psicodramático de espontaneidade se faz valoroso: com o exercício desta habilidade – mesmo por vezes menos exercitada – tornamo-nos capazes de responder inusitadamente ou renovadamente em contextos já estabelecidos, e nos desenvolvemos e nos engrandecemos para sermos além de “simples engrenagens sociais” (ROJAS-BERMÚDEZ, 2016, p. 51). Pensando na cristalização causada pelo racismo, a espontaneidade se coloca essencial para repensá-la, possibilitando vínculos e relações promotoras de saúde (FOX, 2002).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto “LABRI no Bosque”, por meio das suas ações, proporcionou o levantamento de questionamentos sociais, políticos e emocionais sobre as experiências dos facilitadores e participantes acerca da negritude, permitindo, a coleta de informações importantes, úteis ao saber e ao fazer da Psicologia. A infância e a construção da identidade, os processos de saúde-adoecimento na universidade e as questões sobre afetividade e solidão da pessoa negra se mostraram aspectos fundamentais na promoção de sua saúde mental.

O projeto “L’ABRI no Bosque”, desenvolvido em 2017, na temática “Negritude e Protagonismo Negro” permitiu a criação de espaços de compartilhamento das vivências dos participantes, levantando as experiências de negras e negros acerca de seus desafios identitários, em que se destacam as vivências de desvalorização, as relações interpessoais atravessadas pelo racismo e o baixo sentimento de pertencimento (à universidade).

Mostrou-se fundamental o trabalho planejado e realizado em etapas, com registro e análise continuada do processo. Assim, o levantamento – por meio das intervenções artísticas – de depoimentos e de temas articulados favoreceu a percepção de que o contexto da negritude implica em modos de relacionamento com baixo nível de reciprocidade. Tal levantamento, por sua vez, permitiu a concentração das ações em atos psicodramáticos focados mais diretamente na promoção da saúde mental dos envolvidos. Nos atos psicodramáticos, o método psicodramático foi utilizado integralmente, seguindo-se os momentos de aquecimento, dramatização e compartilhamento, utilizando-se técnicas dramáticas de promoção do reconhecimento do eu, reconhecimento do tu e inversão de papéis, dentre outras. Tal metodologia acessou uma melhor percepção dos lugares e dinâmicas do sujeito negro com os seus complementares mais significativos, bem como da recriação e reconfigurando dos lugares de opressão (estagnação da espontaneidade) e de adoecimento (impedimento da reciprocidade).

Por fim, a experiência demonstrou a importância de colocar as diversas abordagens psicológicas a serviço de temas atuais e relevantes, como a negritude e suas relações, buscando-se a compreensão dos fatores de risco e de proteção para a saúde mental de populações específicas. Nesse sentido, o Psicodrama mostrou-se um embasamento teórico-prático de grande alcance – tendo-se percebido, em todas as atividades vivenciadas, a fundamental articulação entre espontaneidade, criatividade e conservas culturais –, fornecendo, assim, elementos importantes tanto para a estruturação das ações, como para compreensão de seus significados.

**REFERÊNCIAS**

BUBER, M.; ZUBEN, N. A. *Eu e tu.* São Paulo, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Racismo e Saúde Mental*: Carta aos gestores e participantes do Encontro Nacional da Rede de Atenção Psicossocial, Curitiba, 2013. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/diversos/cd-saude-mental/racismo-e-saúde-mental/racismo-e-saude-mental.pdf>.

FONSECA FILHO, J. *Psicodrama da Loucura.* São Paulo: Ágora, 1980.

FONSECA FILHO, J. *Psicoterapia da Relação​:* elementos de Psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora, 2000.

FOX, J. *O essencial de Moreno:* textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Ágora, 2002.

MALAQUIAS, M. C.; NONOYA, D. S.; CESARINO, A. C.; NERY, M. P. Psicodrama e relações raciais. *Revista Brasileira de Psicodrama​,* 2016, v. 24, n. 2, p. 91-100.

ROJAS-BERMUDEZ, J. *Introdução ao Psicodrama.*São Paulo: Ágora, 2016.

MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama.* São Paulo: Summus Editorial, 1983.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá?* Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. V.2, Goiânia: Dimensão Editora, 1994.

SCHUCMAN, L. V. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia e Política,* 2010, vol. 10, n. 19, p. 41-55. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1519-549X.

1. Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), membro do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) e bolsista do projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”. E-mail: maianeto.mn@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora em Psicologia Clínica e Cultura, coordenadora do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) e do projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”. E-mail: susanakmo@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)